

Raul Rosa

A Minha Prisão

ALJUSTREL

A MINHA PRISÃO

Estávamos no ano de 1963, era Quarta-Feira, dia 04 de Dezembro, pelas 6 horas da manhã, acordei ao som de fortes pancadas dadas na porta da Rua Vasco da Gama, nº. 112, em Aljustrel, residência onde eu vivia com os meus pais.

Imediatamente me levantei e ao abrir uma das janelas da porta, deparei com a presença de um jovem que aparentava ter pouco mais de 20 anos e este sem me cumprimentar me diz de imediato que vinha da parte de uma pessoa amiga e tinha muito interesse em falar com o senhor Raul Rosa, ao que lhe respondi ser eu o próprio, e como, quem não deve... não teme, sem hesitar e nem mais palavras lhe abri a porta e surpreendentemente fui de seguida confrontado com a amostra de um "crachá" e a informação de que estava na presença de um agente da Polícia Internacional e me ordenava para o acompanhar.

Perante aquela situação, fiquei um tanto atónito, manifestei-lhe o meu desgosto pela maneira hipócrita que ele utilizou para penetrar em minha casa, e, em seguida procurei não perder a calma e digo-lhe que primeiro de tudo eu teria de me lavar e vestir, ao que o agente da Pide, sem qualquer oposição concordou.

Ao dirigir-me ao meu quarto de dormir, o Pide foi atrás de mim e não mais me largou e ao verificar a existência de alguns livros em cima de um pequeno móvel, o Pide quási que correu para um achado e passou tudo a pente fino, tendo no fim me confiscado um dos livros e me ter pedido para eu meter no bolso das calças, uma carta que ele encontrou junto aos livros e que eu havia recebido dias antes e era oriunda de um amigo imigrado no Canadá.

No referido quarto também existia um lavatório onde eu, por norma, fazia a minha higiene matinal, e, também lá estava uma mesinha de cabeceira que entre outras coisas guardava um jornalinho do "Avante".

Com a serenidade possível para poder ultrapassar o insulto que estava a enfrentar, e pretendendo consumir a manobra de busca do polícia, fui para o quintal e aí me lavei na sua presença, não tendo mais regressado ao meu aposento.

Antes de deixar a minha residência, passei pelos meus pais que já estavam acordados, dei-lhes conhecimento do que me estava a acontecer, e eles com uma coragem incrível, pois já estavam habituados a estas malditas provocações passadas igualmente com os meus irmãos, me abraçaram e trocamos os votos de muita força, boa saúde e sorte.

Chegado ao posto da G.N.R. de Aljustrel, e já com a certeza de ter ultrapassado o risco de não estar comprometido com o jornalinho do "Avante", pois que se o mesmo tivesse sido encontrado pelo Pide, me causaria complicações, eu comecei a encarar o acontecimento com naturalidade.

Ainda no posto da G.N.R., por ordens do seu comandante, um Tenente de nome Firmino, fui despojado de tudo o que tinha nos bolsos, inclusivé o próprio relógio.

Em seguida fui transportado num veículo ligeiro, para o posto da P.S.P. da Mina e aí para surpresa minha fui encontrar também detido o meu

irmão João que estava acompanhado de um vasto grupo de amigos e nas mesmas condições.

Consumada pela Polícia a acção de todas as detenções, fomos transportados em viaturas ligeiras para o lugar dos Milhões que fica próximo de Rio de Moinhos, onde nos esperava um transporte colectivo, denominado por "Ramôna", e em seguida partimos rumo ao forte de Caxias.

Durante a viagem que foi efectuada com a presença de muitos Pides, estes aproveitaram a oportunidade para irem recolhendo alguns elementos de identificação, e recorde que sentado ao meu lado estava o Dr. Hersílio-(Veterinário Municipal) e em certo momento, um dos Pides perguntou-lhe o nome e depois de ter respondido, ele verificou num olhar de relance, que o seu nome estava mal escrito e diz para o Pide duma maneira muito sarcástica:

O meu nome é Hersílio, mas... com (H).

O Pide a seguir pergunta-lhe se ele é formado, ao que ele responde: Reformado eu, não... eu estou no activo !...

O Pide insiste perguntado: O senhor é Veterinário ?

Ele responde: Sim eu sou licenciado em Veterinária !...

Este episódio deu-me um certo gozo e de certa maneira reforçou a minha ambientação à nova realidade que começava a enfrentar.

Chegados ao destino, fomos divididos em 2 grupos e encarcerados em masmorras de tipo subterrâneas com abóbadas e solos de cimento.

No próprio dia em que chegamos, já pela noite dentro, começamos a ser ouvidos numa formalidade preliminar, onde apenas me perguntaram, além da identificação, se eu sabia a razão por que tinha sido preso, tendo eu respondido que não e acrescentado que certamente a Polícia o não ignorava através da informação de quem me havia denunciado.

Esta minha atitude pareceu-me não ter sido muito do agrado da Polícia, e um mês depois eu recebia a sua represália com um prolongado isolamento em cela.

Durante vários dias e devido ao nosso isolamento, apenas deduzíamos que lá fóra chovia ininterruptamente o que nos causava uma situação desesperada, pois a água gotejava das abóbadas da masmorra e escorria com muita abundância pelas paredes, atingindo no solo, por vezes, a altura de alguns centímetros.

Aos nossos protestos sobre a grave situação por que estávamos a passar, apenas nos facultaram uns baldes para podermos escoar alguma água através de uma "latrina" que existia na masmorra.

A situação veio a complicar-se ao ponto de se ter de andar a saltitar por cima das camas, devido à grande quantidade de água existente no chão, mas... eis que é chegado a manhã do nosso primeiro Domingo passado em cativeiro, voltamos a protestar e por esse motivo fomos atendidos pelo chefe dos guardas prisionais que autorizou a nossa transferência para outra dependência, impondo-nos para isso uma condição, alegada pela falta de pessoal disponível, e que consistia em que a mudança das camas tivesse de ser efectuada por nós.

Aceitamos essa condição e recorde o espectáculo que tudo isso provocou, nós com os colchões às costas, atravessando um grande pátio sobre a vigilância atenta de dezenas de guardas da G.N.R., que perfilados e equipados de metralhadoras, as apontavam ao nosso pacífico desfile.

Que tristeza !...

Este novo aposento, reunia melhores condições de habitação, constava de um edifício novo, com uma sala ampla, solo de tacos de madeira, janelas e instalações sanitárias equipadas com chuveiros.

Decorrido quási um mês de cativo no forte de Caxias, eis que me surge num dia pela tarde a informação para eu arrumar as minhas coisas para sair.

Ao contrário do que possa parecer, eu não fiquei nada contente, pois mesmo tendo pouca experiência naquelas andanças, eu compreendia que a informação transmitida, estava deturpada, pois eu iria sim era ser transferido para uma outra cadeia.

Transportado numa viatura celular e chegado ao meu novo destino, ou seja à cadeia do Aljube, fui aí recebido no hall de entrada por um guarda prisional que através duma campainha chamou um outro colega que estava num dos pisos superiores e lhe ordenou, em tom provocatório, para vir buscar a nova mercadoria.

Fácilmente compreendi que a mercadoria em referência, se tratava da minha pessoa.

Chegado ao piso superior, aí deparei com um longo corredor e diversas portas correspondentes a compartimentos das célebres celas; de imediato me ordenaram para me despir, tendo em seguida sido minuciosamente revistado.

A seguir, já vestido, mas impedido de usar o cinto das calças e os cordões dos sapatos, sou depositado dentro duma cela, com a aplicação do regime de incomunicabilidade que me privou de poder ler, escrever e receber visitas durante muitos dias. Além de todas estas arbitrariedades, confesso ter ficado muito confuso com o quadro que se me deparou pela frente e que passo a descrever:

A cela representava um pequeno compartimento que tinha apróximadamente um metro de largura, dois metros e meio de comprimento e três metros de altura, paredes escuras e muito sujas, tudo semelhante a um "curro".

O recheio da cela resumia-se a uma tarimba fixada na parede e articulada, composta por uma enxerga e um cobertor de cor cinzenta e fétido; no chão existia mais um conjunto igual e destinado a um outro preso; o resto constava de um penico, uma pequena lâmpada de presença e uma campainha eléctrica.

A referida campainha só era utilizada quando se tinha de despejar o penico ou havia a necessidade premente de ir utilizar para dejectões, a "latrina" que existia num compartimento contíguo, o qual também estava equipado com um chuveiro que raramente funcionava.

A entrada da cela era composta por duas portas, a primeira tinha uma pequena janela e abriam para o corredor, a outra porta mais estreita tinha gradeamento de ferro e abria para o espaço intermédio e relativo à sua largura.

As primeiras horas passadas no meu novo aposento foram para mim muito complicadas, por momentos fiquei estupefacto, quási não acreditava na situação por que estava a passar; privado de liberdade, do convívio com os companheiros e sem um mínimo de condições higiénicas; tudo me parecia um sonho "negro" que o meu pensamento me situava nos tempos remotos.

Depois de observar numa ombreira da porta interior da cela, uma escala de vinte riscos correspondentes aos dias alí passados por um outro preso, continuei muito transtornado e pensei que certamente eu não resistiria a um isolamento tão grande.

Acontece que dias depois, numa fase que direi de reflexão, o meu cérebro serenou, comecei a ficar completamente lúcido e capaz de superar não só os máus momentos vividos inicialmente e ainda fixados na minha mente, como poder encontrar forças para suportar as manobras cínicas que a Polícia utilizou para comigo, tendo por diversas vezes introduzido na minha cela pessoas que me pareciam estranhas e que se apresentavam muito débeis com sintomas de amnésia e perturbações mentais.

Estes companheiros que eu não sabia quem eram e que apenas permaneciam na minha companhia algumas horas, ou entre um e três dias, criaram-me situações muito complicadas que me obrigaram a um maior esforço mental e dentro das minhas reduzidas capacidades, a um estudo psicológico sobre as suas reacções e actuar em conformidade com a minha consciência.

De salientar que de todos os presos que compartilharam comigo a cela, apenas um eu já conhecia de Caxias, um senhor de apelido Ferrão, natural de Coimbra e que tinha o dobro da minha idade, e, com o devido respeito - (excelente pessoa), devo confessar que a situação mais complicada que tive de enfrentar foi a sua passagem pela cela. Este amigo muito afectado psicológicamente, caiu numa situação de marasmo muito difícil de ultrapassar, chegando ao desespero de admitir o suicídio como a sua melhor solução.

Momentos difíceis, mas... ultrapassados em bem !...

Entretanto, terminado o período em que estive no regime de incomunicabilidade, voltei ao regime normal (dentro da cela) e fui autorizado a poder ler e escrever.

De imediato me ocorreu a ideia de poder contactar com o meu irmão João que continuava em Caxias, tarefa que seria muito difícil de concretizar, mas... na minha escrita simples e que julguei ser convincente, enviei ao meu irmão um postal dizendo-lhe apenas que me tinha sido entregue em óptimas condições a encomenda que a sua mulher (minha cunhada Fernanda Patrício) havia deixado em Caxias no dia em que eu fui transferido para a cadeia do Aljube.

Se tudo foi bem pensado... ainda melhor concretizado; o postal escrito por mim na cadeia do Aljube passou pelos serviços de censura da Polícia e foi entregue ao meu irmão João na cadeia de Caxias.

Sem duvida que este episódio protagonizado entre mim e o meu irmão, deixou bem marcada a nossa passagem pelas cadeias fascistas.

Ao fundo do corredor, junto à minha cela, existia um pequeno gabinete a que chamavam a secretaria, da sua porta os guardas estavam sempre atentos ao mais pequeno ruído emitido do interior das celas e o seu contacto com os presos quási se resumia ao silêncio ou a simples gesticulação.

Um dia pela manhã, o companheiro da cela ao lado, contrariando os preceitos da cadeia, falou para um guarda em tom elevado pelo que foi logo interrompido e ameaçado de represálias.

Esse momento de conversa entre o preso e o guarda, foi para mim o suficiente para me aperceber que o companheiro da cela ao lado era o meu amigo Conceição, e na parte da tarde, eu não resisti e procurei entrar em contacto com ele através do sistema "Morse"-(batidas na parede) e conseguí transmitir-lhe: "Eu sou o Raul".

O meu amigo Conceição compreendeu a minha mensagem e procurou tentar de imediato responder-me, mas como sofria de surdez e não tinha a devida percepção ao som, aplicou umas pancadas tão fortes no tabique de tijolos que ia deitando tudo abaixo, ocasionando uma situação muito complicada perante os guardas que felizmente não teve qualquer consequência, mas finalizou assim o nosso curto contacto.

Com excepção das 48 horas, período em que estive em interrogatório na sede da Polícia, eu suportei o terrível isolamento dentro da miserável cela nº. 11, durante 45 dias.

Tantos dias que me pareceram uma eternidade !...

Quanto ao interrogatório, devo referir que o mesmo decorreu dentro da normalidade possível, persistiram em querer saber sobre as minhas convicções políticas e se eu tinha sido convidado para participar em alguma acção revolucionária; claro que respondi sempre negativamente, não fui agredido e nem ofendido, mantiveram-me sempre em constante vigia e forçado a permanecer em pé.

O meu maior castigo foi sim os dias passados dentro da cela !...

Com referência ao livro que me confiscaram e que estava relacionado com a vida na União Soviética, nada me perguntaram.

O mesmo aconteceu com a carta do meu amigo José Perdigão imigrado no Canadá, nada me perguntaram o que sem dúvida alguma me deu uma certa tranquilidade, pois uma parte do teor da mesma era muito comprometedor ao referir para eu recomendar a um outro nosso amigo que a encomenda já tinha seguido e que brevemente seria enviada uma outra.

De salientar que a citada encomenda constava de dinheiro recolhido em colectas junto de amigos imigrados no Canadá e destinava-se a ajudar as famílias dos presos políticos.

Terminada a minha atribulada permanência dentro da cela, sou finalmente transferido para uma sala comum e aí num encontro memorável, fui encontrar e abraçar muitos dos meus amigos.

Estive nesse convívio apenas 15 dias para me poder recuperar do desgaste da cela, tendo em seguida sido transportado para a sede da Polícia onde foi formalizado o processo da minha saída e regressado à liberdade no dia 3 de Março de 1964.

Durante alguns dias após a minha libertação, fiquei em Lisboa para confortar o meu saudoso pai que se encontrava internado no Hospital de S. José.

Regressado a casa e ao tomar conhecimento da correspondência recebida durante a minha prolongada ausência, fui encontrar uma carta enviada de Coimbra pelo meu amigo Ferrão, que assim cumpriu o que me tinha prometido quando ainda na cela se despediu de mim.

Essa carta foi dirigida aos meus pais e parte do seu conteúdo tinha como finalidade manifestar-me o seu profundo reconhecimento pela minha conduta para com ele, durante o período difícil que passamos na cela.

Passados três meses, chegou a vez do meu irmão João, que após seis meses de prisão e sem nunca ter sido submetido a qualquer interrogatório, ter saído em liberdade, o que nos deixou a todos muito felizes.

Dias depois em conversa comigo, o meu irmão informou-me que a Polícia o tinha incumbido de me transmitir o seguinte:

Diga ao seu irmão Raul que não se convença que eludiu a Polícia, pois nós sabemos tudo a seu respeito.

Fiquei muito preocupado com essa mensagem, mas continuei confiante por saber que nada correspondia à verdade, admitindo até a hipótese de poder ser alguma estratégia da Pide; entretanto, venho a saber que dois amigos presos em data posterior à minha e que foram julgados e condenados, numa situação certamente de desespero e esgotamento físico, foram ludibriados pelas artimanhas da Polícia que os levou a fazerem falsas declarações a meu respeito as quais ficaram aditadas nos seus respectivos processos e pronunciadas no Tribunal que os julgou.

Perante este facto, suportei o peso de um forte pesadelo durante dez anos, sempre com o pensamento de que a qualquer momento poderia ser novamente vítima da malvada Pide.

Finalmente chegou o 25 de Abril de 1974 e... o pesadelo terminou...

O meu obrigado aos bravos Militares de Abril !...

A terminar este meu depoimento devo ainda referir que após a data gloriosa do 25 de Abril, por 2 vezes fui notificado pelo Tribunal Militar de Elvas, onde prestei declarações no julgamento de alguns informadores da Pide-(Bufos), que estavam relacionados com o meu processo, tendo ainda numa das audiências tomado conhecimento oficial de que o meu nome, juntamente com muitos outros, fazia parte da relação elaborada pela Polícia, para ser preso na véspera do 1º. de Maio de 1974.

Aljustrel, 25 de Abril de 2003

